

LAURINDA FERNANDES DE CARVALHO ARAÚJO

Membro fundadora do Centro de Estudos Regionais de Viana do Castelo (CER)

Membro correspondente do Real Gabinete Português de Leitura — Rio de Janeiro

Sócia Efectiva da Sociedade de Geografia de Lisboa

MONOGRAFIA DE SANTA EULÁLIA DE RIO COVO - BARCELOS



3(469.12)

A



CRÍTICAS DE VÁRIOS ESCRITORES E POETAS:

É uma poetisa diferente das que conheço: fala de dentro, com o coração aos pulos, sem distâncias entre o coração e os lábios, rotundamente sincera, musicalmente sonora, galhardamente rítmica.

Esta mulher aparece inspirada como um Cântico dos Cânticos, e expõe em bocadinhos quanto o Mestre ensinou.

Juiz Dr. Francisco de Almeida
Escritor e Jornalista

O galerim de autores minhotos honra-se com a sr.^a D. Laurinda Fernandes de Carvalho Araújo.

No seu labor literário há um legado que caracteriza o Noroeste de Portugal.

A sua poesia, tão sentida, tem o encanto da simplicidade, faceta que bem distingue a ilustre intelectual do Alto-Minho.

Viana, Dia de S. Sebastião, em 1984.

António Afonso do Paço
Escritor e Jornalista

A sr.^a D. Laurinda F. de Carvalho Araújo, é uma personalidade forte que, além do Magistério, das Letras e da vida pública, se impõe pela sua extraordinária capacidade de comando. Como uma autêntica figura de mãe e educadora, de alto talhe cívico, é conhecida e admirada na sua Ponte de Lima e nas regiões minhotas que a rodeiam. Como uma simbólica teceadeira ideal, ela trama, com os fios da amizade, do amor e da admiração, nesse vaivém através do Atlântico, o cordame indestrutível da sua e nossa Comunidade Luso-Brasileira. Bem haja, pois.

Dr. A. J. Pizarro Loureiro
Presidente do Liceu Literário Português do Rio de Janeiro, Escritor e Director do jornal «A Voz de Portugal»

LAURINDA FERNANDES DE CARVALHO ARAÚJO

Membro Fundadora do Centro de Estudos Regionais de Viana do Castelo (CER)
Membro correspondente do Real Gabinete Português de Leitura — Rio de Janeiro
Sócia Efectiva da Sociedade de Geografia de Lisboa

Monografia de Santa Eulália de Rio Covo-Barcelos



S. JULIÃO DE FREIXO
PONTE DE LIMA



OBRAS DA AUTORA:

Publicadas

Poesia

Coração que sofre!... — 1971 (esgotado)
Apologia a S. Julião do Freixo e suas Damas de Honor — 1973
(esgotado)
Retalhos de Poesia — 1974 (esgotado)
Reminiscências do Passado — 1978 (esgotado)
Faúlhas do 25 de Abril — 1979
Poesias Dispersas — 1980
Paesias Completas para os meus 13 filhos — 1981 (esgotado)
O Fim da Hospedagem — 1981
Na Crepúsculo ... Ainda há Luz — 1982
Poesias para os meus 30 netos — 1983 (a pedido deles)

Em prosa

Histórias da Avozinha para os Netos — 1978 (esgotado)
Conversa Íntima com as Jovens — Noivas e Casadas — 1979 (esgotado)
Monografia de S. Julião do Freixo e Estudo Sucinto de Anais — 1981
Cartas ... Sem Resposta — 1984
Monografia de Santa Eulália de Rio Covo — Barcelos — 1984

PREFÁCIO

«RIO COVO — ENCANTO E RECANTO DE POESIA»

A Monografia de Rio Covo de Santa Eulália surge do prelo como um poema de amor.

De amor, eis que, somente o amor pode dar ao escritor-historiador a capacidade intelectual criadora, o paciente altruismo de buscar, de pesquisar e de trazer aos nossos dias, a geografia no tempo!

As Monografias tornam-se parcelas do passado que, esquecidas, surgem do labor intelectual daqueles que desejam relembrar no presente e projectar para o futuro, glórias e tradições de um povo.

Conquistas estas, no espaço e no tempo, para que os dos nossos dias preservem e, aos pósteros, reve renciem!

A capacidade intelectual da Prof.^a Laurinda Fernandes de Carvalho Araújo, por notável, atravessou as fronteiras líquidas d'além-mar aportando, com rara felicidade, neste Brasil tão pequenino que cabe no coração de cada lusitano!

Nós, brasileiros, trazemos este gigante Portugal não somente em nosso sangue, mas bem encerrado em nossa própria alma!

A publicação da Monografia de Rio Covo, primoroso estudo de historiadora consagrada, lembra-nos esta freguesia do Concelho de Barcelos, o primeiro surgido em Portugal, ano 1292, e a vila de Rio Covo, ora renascida através deste trabalho investigatório da Prof.^a Laurinda de Carvalho, nos deixa em permanente saudade.

Parabéns minha colega do Centro de Estudos Regionais de Viana do Castelo, porque, além de excelsa e consagrada escritora, é a jovem Professora, um ser-poeta.

E «ser poeta é ter alma de criança»

«Ser poeta é ver o mundo em três dimensões»

(Do Livro «Retalhos de Poesia»)

Rio de Janeiro - BRASIL — 8/Out/983

DR. DAVINO VALLADARES DE OLIVEIRA
e/ou D. VALLADARES
DO CENTRO DE ESTUDOS REGIONAIS
DE VIANA DO CASTELO

SANTA EULÁLIA DE RIO COVO E SUA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

A freguesia de Santa Eulália de Rio Covo é uma pitoresca aldeia, singela, envolvida pelo perfume do seu variado arvoredado e das flores campestres espalhadas por todo o lado.

Pertence ao concelho de Barcelos, do qual está distanciada apenas 6 quilómetros, a 15 quilómetros a oeste de Braga, e 360 ao Norte de Lisboa.

Começa esta aldeia na estrada Nacional perto do cruzamento de S. Miguel da Carreira, tendo-se construído já nesse lugar várias casas, a formar, dentro em pouco, um lindo bairro.

É uma freguesia extensa, mas pouco populosa, cujos habitantes vivem essencialmente da agricultura.

Graças, porém, à emigração, alguns se têm aventurado a procurar no estrangeiro os meios necessários à sua sobrevivência, e assim conseguiram construir boas moradias, que vão surgindo por entre a verdejante e variegada vegetação, tornando a paisagem mais agradável, por mais povoada e alinhada.

É atravessada por um pequeno rio a que o povo chama Rio Covo, do qual tira o nome¹ e fertiliza os campos por onde

¹ Uns dizem que Santa Eulália de Rio Covo não tira o nome do Rio que a atravessa. Outros dizem que é o seu nome e o dá à referida freguesia, bem como a Santa Eugénia de Rio Covo, outra terra por onde ele passa, já próximo do Rio Cávado.

passa. Possui bons meios de comunicação, não só em carreiras, que se dirigem ao Porto, Barcelos, Braga e outras terras, como os comboios: a um quilómetro o apeadeiro de S. Miguel da Carreira, e a aproximadamente dois da estação de Midões.

Também por uma boa estrada que atravessa a freguesia e facilita a passagem, por ela vão camionetas para transportar os habitantes que se dirigem a Barcelos, sobretudo nas quintas-feiras, dia de mercado, e creio que não erro se afirmar que esta é uma das maiores feiras de Portugal, aonde aparecem as melhores obras do artesanato minhoto, e não só. Esta estrada foi rasgada no ano de 1920, é empedrada em 1981, sendo ao mesmo tempo aberta uma outra, que parte do lugar de Paços e vai até ao das Fontainhas, este junto da estrada Nacional. Estes melhoramentos e outros devem-se à actual Junta de freguesia, que tem por Presidente Manuel da Costa Dias, de quem adiante falarei.

SANTA EULÁLIA DE RIO COVO, SEGUNDO PINHO LEAL NO SEU LIVRO — PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

Tem por orago Santa Eulália, que antigamente o povo dizia Santa Olaia ou Santa Baia. Pertence ao Arcebispado e distrito administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 60 000 reis e o pé d'altar. Foi comenda dos Templários e depois passou à Ordem de Cristo. Pertenceu ainda ao antigo julgado de Vermoim.

Há nesta freguesia a Capela de Nossa Senhora das Águas Santas, título que lhe deram em razão de uma nascente de água mineral que ali há, e que foi em tempos muito concorrida de pessoas que nela se vinham banhar, esperando achar remédio para as suas enfermidades.

Em tempos antigos foram estas águas muito frequentadas, pois que, pelos anos de 1700, em uma escavação que se fez no

sítio da nascente, se acharam soterrados vários tanques, próprios para neles se tomarem banhos.

Houve neste ermida uma confraria, toda composta de sacerdotes, instituída em tempos de que não há memória.

Os seus estatutos foram reformados em 1641, e aprovados pelo Pontífice Urbano VIII. Os irmãos lhe faziam a festa na 2.^a oitava da Páscoa, e era sempre muito concorrida.

COMO ACABARAM OS BANHOS DS ÁGUAS SANTAS?

O Dr. Teotónio José da Fonseca autor do livro, *O Concelho de Barcelos Aquém e Além Cávado*, escreveu: «Ao fundo do amplo terreiro, que se estende ante a Igreja Paroquial de Santa Ovaya de Rio Covo, ensombrado por grossíssimos castanheiros, que tornavam aquele sítio tão ameno, onde piedosos romeiros vinham orar à milagrosa imagem de Nossa Senhora das Águas Santas, e tomar banho nos toscos tanques de tijolo, que naquele sítio existiam, os quais, mais tarde, passados séculos, seriam destruídos por ordem de um abade², onde negrejava uma velha construção que servia de residência paroquial.

O Cónego Dr. Avelino de Jesus da Costa acrescenta:

—Esta freguesia vem já no Censual de Braga do século XI, com o nome de «Santa Eulália de Ribulo Covo — jantar». Quer dizer, estava obrigada a dar de comer ao visitador e comitiva quando fizessem a visita da freguesia.

Mais tarde o jantar foi substituído por uma prestação certa em dinheiro ou géneros, houvesse visita ou não. Um documento

² Corre na tradição que um «aquista» se apaixonou por uma pessoa da família de certo abade desta freguesia, e que este, ardendo em sagrada ira, quiçá ciúmes, mandara arrasar os tanques, dos quais, em escavações, ainda se encontram vestígios.

de 1121, do mosteiro de Junqueira, diz: «Vila ubi dicent Riu Covo». As Inquirições de 1220, de El-Rei D. Afonso II ao tratar da velhinha TERRA DE FARIA, ocuparam-se em parte de Sancta Eolália de Rio Covo»; e igualmente as de 1258: «In collatione Sancte Eolalie de Rio Covo». Em 1290 Couto de Santa Ovaia de Rio Covo e foi taxada em 50 libras: «Ecclesia Sancte Eovarge de Ryo Covo ad quinquaginta libras». No Museu Pio XII, do Seminário de Santiago, guarda-se uma pia baptismal pré-românica desta igreja, que tem na parede um friso em quadri-fólios de características visigóticas, na opinião do falecido Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha («*Diário do Minho*», de 4-2-1969), mas parece que não é visigótica.

ORIGEM DO SEU TOPÓNIMO

Rio Covo, à primeira vista parece ser topónimo que dirá respeito a um pequeno ribeiro que banha a freguesia. Porém, o Padre António Gomes Pereira, da Quinta de Chapre, Midões, diz provir dum rio fundo situado num vale chamado de Rio Covo. Contudo, as gentes da terra chamam-lhe antes Rio de Mance, Rio da Pereira, ou Rio da Retorta, conforme os lugares por onde passa, nunca lhe chamando Rio Covo.

NASCENTE E CURSO DO RIO COVO

A mãe de água ou nascente deste rio, segundo o Dr. Teotónio José da Fonseca, situa-se nos Poços da Maia, em S. Martinho das Carvalhas. O seu curso atravessa parte de S. Salvador de Silveiros, seguindo daí para Santa Eulália, onde recebe as águas vindas do Ribeiro de Sequiade, da Serra de Airó, o qual, juntas as águas vai por Midões, S. Bento da Várzea e Santa

Eugénia de Rio Covo, lançar-se no Rio Cávado, de que é afluente, pela margem esquerda, um pouco acima do Açude de Augusto Ferreira, entre Santa Eugénia e S. Veríssimo.

CONFRONTAÇÕES

Santa Eulália de Rio Covo confronta pelo Norte com a freguesia de S. Paio de Midões e Crujeães (esta hoje lugar de S. Bento da Várzea); pelo Sul, com S. Martinho das Carvalhas e S. Salvador de Silveiros; pelo Nascente com Santa Maria de Moure, S. Romão de Fonte Coberta e S. Miguel da Carreira; e pelo Poente com Santa Maria de Remelhe, todas do concelho de Barcelos, que foram da Terra de Faria e da Terra de Bastuço.

A IGREJA DE SANTA EULÁLIA DE RIO COVO

Esta freguesia possui uma das mais bonitas igrejas do concelho. Foi edificada nos fins do século XVII, no lugar aonde já existia uma ermida, que passou a funcionar como Capela-Mor. É um Templo de aspecto exterior muito simples, mas de grande valor artístico no interior.

O retábulo é de boa talha dourada, com estatuetas de anjos nas mísulas que sustentam, além da imagem da padroeira, a de Santa Ana. São dignas, também, de referência, as pinturas decorativas da abóbada.

A sua construção é de gosto barroco, mantendo, no entanto, cachorrada românica de uma antiga igreja.

O altar-Mor, todo em talha dourada, com um cunho altamente artístico e muito antigo, tem ao centro, por cima do Sacrário, a cruz de Cristo, e dos lados, em belos nichos, duas Santas — Santa Eulália e Santa Ana.

A Capela-Mor é toda revestida de azulejos do século XVII, como é óbvio, e de cada lado está a figura dum anjo de tamanho natural, muito bonitos, que sustentam grandes círios.

Tem ainda os altares de Santo António e Nossa Senhora do Rosário, também em talha dourada, e um mais simples, com duas imagens: do Coração de Jesus e S. Coração de Maria.

Nesta igreja pode admirar-se a Capela de Nossa Senhora das Dores, do lado da Epístola, em frente à porta travessa, edificada no século XVIII. O altar que lá tem é bastante largo, e tem no centro a imagem de Nossa Senhora das Dores, e dos lados o Senhor da Cana Verde e o Senhor dos Passos.

É todo ornamentado a talha dourada, no mesmo estilo dos outros. A rematar a entrada para essa Capela, que é em forma de arco, tem uma ornamentação em madeira, artisticamente trabalhada, mas longe do estilo dos altares.

O tecto da igreja foi todo reconstruído em boa madeira, pintada de castanho escuro, e ao centro vê-se uma linda pintura representando Santa Eulália.

Entre a nave e o transepto está uma esplêndida moldura de talha, e um original quadro belamente pintado, tendo por cima uma cruz de madeira com o Cristo. E a contornar isto tudo, uma artística cercadura em talha dourada.

Pertence à Confraria do Santíssimo Sacramento esta Capela. Durante a sua edificação foram nela aproveitados uns cachorros de pedra representando figuras de animais, que dizem ter vindo da Capela de Águas Santas, os quais ficaram a suportar o peso da cornija da Capela-Mor.

Também nela foram aproveitados outros materiais, que pertenceram à referida ermida de Águas-Santas.

Nela se vêem ainda duas sepulturas rasas, com as respectivas inscrições, já bastante gastas pela passagem sobre elas dos devotos que frequentavam este templo. Acerca delas informa o Dr. Teotónio José da Fonseca terem pertencido às famílias das antigas residências solarengas da Boavista e de Paços de Cima.

MATRIZ DE ÁGUAS SANTAS

Segundo velhos documentos a primeira Matriz de Santa Ovaya foi a antiga Capela de Águas Santas, no lugar do mesmo nome. Há quem afirme que há 34 anos ainda se poderiam ver os seus alicerces junto à Capela, que ainda agora se vêem vestígios deles, e se chamam de Águas Santas.

Em meados do século XVII, Águas Santas deixou de ser matriz desta freguesia, tendo então a sua igreja passado para uma capela que junto dela existia.

Dizem em Santa Eulália que essa capela pertenceu à Casa de Paços de Cima.

Hoje tudo nos indica, na tradição local, ter essa capela sido mudada para a Capela-Mor da actual igreja desta paróquia. Sobre o seu arco-cruzeiro pode ver-se a data — ANNO DE 1619.

Não se sabe, ao certo, quando se procedeu à transferência da antiga Matriz para o actual templo desta paróquia; sabe-se, sim, que em 1655 já ela possuía o Santíssimo Sacramento. Entre os anos de 1656 e 1658 foi ampliado para que melhor viesse a servir para a celebração das cerimónias do culto.

Pela consulta dos Livros das Visitas, sabe-se que em 22 de Abril de 1680, já nela se exerciam determinados actos do seu culto.

No século XVIII introduziram-lhe o estilo barroco em várias obras, que concorreram, de certo modo, para lhe dar melhor aspecto architectural.

A SACRISTIA

A Sacristia é muito simples e mostra bem que já sofreu muitas remodelações. Conhece-se pela madeira aplicada e por todos os arranjos.

Tem, porém, uma enorme pia em forma de concha, que serve de lavabo, com uma grande figura por cima, represen-

tando a estátua de Neptuno³, o Deus das Águas, figura alegórica da Mitologia romana, montada num golfinho, que deita a água pela boca. Por trás está um manto belíssimo, com borla, franja e uma coroa no alto, tudo feito em bom granito da região. Tem a data de 1748. Mesmo que seja só por isto, vale bem uma visita à igreja.

FESTA DE NOSSA SENHORA DAS ÁGUAS SANTAS

Informou o Sr. Joaquim Dias, que sempre se fez a festa a Nossa Senhora, na Capela, que foi reconstruída e alargada há 80 anos. Apenas se não realizou durante 3 anos. Além da festa religiosa havia arraial nocturno, e há, aonde um homem metido dentro duma armação em forma de vaca, percorre todo o recinto a correr, deitando bombas para todo o lado, o que faz com que o povo fuja para longe com receio de ser chamuscado. Chama-se a «Vaca do Fogo» e contribui para que todos se riam a bom rir. E por isto, este arraial é muito aparatoso e concorrido.

RESIDÊNCIA PAROQUIAL

Segundo noticia o Dr. Teotónio J. da Fonseca, a residência paroquial parece ter sido construída no século XVIII.

Estava situada junto da Casa da Comenda, que pertencendo ao Governo, foi vendida em leilão, em Lisboa, ao avô do actual proprietário Joaquim Dias, já referido, que eu entrevistei para obter elementos do seu conhecimento.

Esta casa é de 1700, e foi vendida a estes em 1840. Antes tinha sido bastante destruída por um incêndio, mas reconstruindo-a, deixaram-na mais pequena.

³ O pároco actual, quando eu visitei a igreja para colher elementos, disse-me que essa figura lhe parecia representar o profeta Jonas.

Como entre a igreja e esta grande casa havia outra, o fogo não danificou aquela. Depois, o lavrador que a arrematou cedeu uma casita para o pároco viver, no alto das Águas Santas, mas como ficava longe, foi construída outra próxima da igreja, em 1838, com o produto da venda do passal e da residência paroquial.

APRESENTAÇÃO DO PÁROCO

Sabe-se que nesta freguesia os seus Reitores ou Abades eram noutros tempos apresentados pela Mitra Bracarense, que o mesmo é dizer, pelo Arcebispo Primaz de Braga.

Por sua vez os seus Párocos tinham o encargo de apresentar os Vigários das freguesias de S. Martinho das Carvalhas e de S. Paio de Gual.

TOMBO DA COMENDA

Como muitas outras terras que possuíam direitos e bens de uma ordem religiosa e militar, Santa Eulália de Rio Covo também teve Tombo da sua Comenda, que Frei Luiz Xavier de Castro de Rio Mendonça ordenou que se fizesse em 1718. Através dele se tomou conhecimento das freguesias que à dita Comenda dos Templários estavam sujeitas, e que eram: S. Martinho das Carvalhas, S. Paio de Gual, Crujeães (hoje lugar da freguesia de S. Bento da Várzea) Santa Maria de Moure, S. Paio de Midões, S. Jorge de Airó, S. Miguel da Carreira, S. Salvador de Pereira, S. Lourenço de Alvelos, S. Martinho de Paradela, S. Miguel de Chorenta, Santa Marinha de Remelhe, S. Salvador de Silveiros, Santa Maria Maior de Barcelos; e no Louro, Cavalões e Outiz, hoje de Vila Nova de Famalicão; em Fonte Boa, Palmeira de Faro e Esposende; Balasar do concelho da Póvoa de Varzim;

Arouca, do distrito de Aveiro; e no concelho de Vila Nova de Gaia, margem esquerda do Rio Douro.

Em S. Martinho das Carvalhas, possuía também 7 casais da respectiva igreja; e em S. Paio de Gual, tinha uma ermida com o seu respectivo casal. De referir que a antiga paróquia de S. Tiago de Moldes, onde nasceu o Bispo D. António Barroso, é hoje lugar da freguesia de Remelhe.

CASA DA RENDA

A Comenda dos Templários, tinha em Santa Eulália de Rio Covo, a sua Casa da Renda, onde os donos dos Casais, sobre que tinha direitos, lhe entregavam em épocas próprias os seus foros ou pensões. As pessoas de idade avançada, desta freguesia, dizem que esta Casa se situava junto à Residência Paroquial.

CRUZEIROS DA FREGUESIA

O Cruzeiro Paroquial está situado no adro da igreja.

O de Águas Santas ergue-se no outeiro onde esteve a primeira Matriz da localidade. Contém a seguinte inscrição:

— «ERA DE 1642 — SE FIZERAO ESTAS CAZAS DO SOR. E DA SAR. — E Q. FORAO JUIZES JOAO AYRES: VALENTIM TOME MOR JOAO THOM FIM ERS.»

CEMITÉRIO PAROQUIAL

Antigamente os mortos eram sepultados nas capelas e igrejas das freguesias. Mais tarde passaram a utilizar os adros, terrenos estes que ficam junto das igrejas.

Com o Ministério de Costa Cabral foi obrigatório sepultá-los em recintos próprios, cercados por muros, a que deram o nome

de cemitérios. Esta lei foi mal recebida pelo povo, o que deu origem à revolução da Maria da Fonte, iniciada na Póvoa de Lanhoso, aonde essa Maria da Fonte lá figura, no principal jardim, numa artística e grandiosa estátua de bronze.

Em 1886, foi construído o cemitério de Santa Eulália de Rio Covo, num local elevado, do lugar de Águas Santas.

O Sr. Joaquim Dias, agora com 89 anos de idade, o mesmo proprietário entrevistado pelo Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, diz que ouvia dizer, quando pequeno, que a primeira pessoa a ser lá enterrada, foi a mulher do que comprou a Casa da Comenda. Contou ele que o viúvo foi lá com um pau e começou a furar a terra a ver se encontrava a sepultura, porque era rasa. Porém, pôs-se-lhe o cabelo de pé, com o susto, quando o pau, encontrando a terra revolvida se enterrou e ele caíu.

CONFRARIAS

Segundo informações de Ilídio Eurico Gomes Ramos, a Confraria mais antiga de que obteve notícia é a do Santíssimo Sacramento, cujos estatutos da sua fundação remontam ao ano de 1575. Foi instituída por Bula do Santo Padre Gregório XIII. Mas o Joaquim Dias, diz que tinha ouvido dizer aos seus antepassados, que a mais antiga, até de todas as freguesias, é a de Nossa Senhora do Rosário, que ia até para os enterros das outras terras circunvizinhas. Segundo o Cónego Dr. Avelino de Jesus da Costa, as Confrarias do Rosário só começaram no século XVI.

Além destas, foi também criada a do Sagrado Coração de Jesus, supõe-se que no princípio deste século ⁴.

⁴ De referir aqui que o arquivo da igreja foi destruído pelo incêndio referido e, pelos vistos, ninguém mais se interessou em fazer outro.

A Confraria de S. Pedro já existia em 1712, mas a sua instituição deve ser muito mais antiga, porquanto a reforma dos seus estatutos foram aprovados pelo Papa Urbano XIII, que governou de 1623 a 1644.

AINDA SANTA EULÁLIA DE RIO COVO — SUA ANTIGA POSIÇÃO SOCIAL

Falar desta terra e do seu passado social, é recordar a importância económica dos seus casais e searas agrícolas em número de 18, que se achavam integrados na Comenda à Ordem do Hospital 11 casais e entradas, um casal à Ordem do Santo Sepulcro, e de uns 4 que pagavam pensões ao Convento Beneditino de S. Bento da Várzea, casais citados nos «PORTUGALIAE MONUMENTA HISTÓRICA», a págs. 233.

Dizem, também, que o Rei não possuía aqui quaisquer bens de Reguengo. Os seus naturais tinham anualmente, pelo S. Miguel, em Setembro, de apresentar os seus impostos em cereais ao Senhor da Terra, o que por vezes constava de um terço, outras de quarto, e ainda, às vezes, de um quinto das suas colheitas, isto em época de abundância, o que nem sempre sucedia.

Ora, se Santa Eulália pagava assim tão elevados impostos e tinha algumas Casas e Quintas ligadas à nobreza, é porque era freguesia rica, já se vê. Esta importância veio-lhe também pela posição social de dois vultos de destaque na história nacional: Antão Gonçalves Pereira, Capitão no Descobrimento da Guiné, e Gonçalo Nuno de Faria, Alcaide-Menor do Castelo de Faria, que foram seus Abades.

CENSO DA POPULAÇÃO

Em 1527 esta freguesia tinha apenas 52 fogos.

Segundo o P.^o Carvalho, na sua *Chorografia Portuguesa*, em:

1706	tinha	70	fogos			
1868	»	80	»			
1890	»	95	»	com 392 habitantes		
1900	»	129	»	»	433	»
1911	»	97	»	»	467	»
1920	»	95	»	»	442	» ⁵
1930	»	90	»	»	461	»
1940	»	140	»	»	519	»
1970	»	134	»	»	636	»

Nesta data de 1983 a freguesia tem à volta de 200 fogos, com mais ou menos 1 000 habitantes. E são muitos os emigrantes, razão porque o número varia.

CASAS IMPORTANTES DE SANTA EULÁLIA DE RIO COVO

Há casas muito antigas e importantes nesta freguesia, como: as Casas da Boavista e de Paços de Cima e Paços de Baixo; e as Casas de Pagãos, Devesa, Levandeira de Baixo e Levandeira de Cima, Cruz, Mance, Vilar, Soutulho, Romano, Trás de Fonte e Igreja.

⁵ A diminuição demográfica pode deduzir-se dos terríveis efeitos da pneumónica que grassou no nosso país, no termo da 1.^a guerra mundial.

CAPELAS DE SANTA EULÁLIA DE RIO COVO

Capela de Águas Santas, segundo a opinião do Dr. Teotónio José da Fonseca.

Nascido nesta freguesia, este senhor diz que a fundação desta ermida ou capela é bastante remota. Já Frei Agostinho de Santa Maria, na sua obra — *Santuário Mariano*, publicada em 1712, escreve que nesta freguesia havia uma ermida muito antiga, dedicada a Nossa Senhora.

Era nem mais nem menos, aquela a que deram o nome de Águas Santas, nome que adveio de junto dela existir uma fonte de águas milagrosas, que curavam os peregrinos, que com imensa fé na imagem da Senhora, nela existente, vinham tomar os banhos nessa fonte, que consideravam santa, olhando-a com todo o respeito, porque lhes curava os males dos corpos e das almas.

Foi daí, naturalmente, que veio o nome de Águas Santas.

Porém, na época em que a elas se refere o *Santuário Mariano*, já elas haviam desaparecido na voragem do tempo, sem se conhecer a causa do seu desaparecimento.

Segundo o mesmo Dr. Teotónio José da Fonseca, a capela que chegou ao seu conhecimento, era baixa e acanhada.

Em frente da fachada, a qual era encimada por uma pequena sineira, alongava-se um alpendre ou galilé, com colunatas de madeira, com parapeito, e cercado de bancos de pedra. Ao entrar a porta principal, que era em arco ogival, do lado direito, e dentro daquele galilé, existia uma sepultura rasa, com escudo ou emblema, o qual, segundo se dizia, pertencia à Casa da Boavista.

Desde que esta Capela deixou de ser Matriz de Rio Covo, foi caindo em ruínas, chegando a tal estado de abandono, que em 1815 foi interdita ao culto. Por volta de 1840, reavivou-se a devoção do povo para com Nossa Senhora das Águas Santas,

e ela foi limpa e recomposta, até que, em 1901, por sua antiguidade, acabou por ruir.

Mas no mesmo sítio, por iniciativa do Reitor dessa época, e com esmolas do povo se erigiu o actual edifício, moderno e inestético, que foi restituído ao culto em 1909.

CAPELA DA BOAVISTA Esta Capela, da invocação de Nossa Senhora da Conceição, está situada no interior da Quinta. Foi edificada junto do Solar, com o qual comunicava interiormente. Porém, desde que a Quinta foi comprada, em 1968, pelo Dr. Aparício da Costa Dias, ficou separada da Casa por este ter sofrido completa reconstrução, dado o estado deplorável em que se encontrava. E como a Casa era muito comprida, o novo proprietário mandou demolir a parte que estava junto da Capela, cujo terreno ajardinou, e colocou escadas de pedra que dão acesso à parte superior das traseiras da Casa.

Não se sabe, ao certo, se ela foi mandada erigir por Antão Gonçalves Pereira, já referido, quando mandou construir o Solar, mas é provável que assim tenha acontecido.

Em 1665, pertencia ao seu descendente, juntamente com a Casa e Quinta, Diogo Borges Pereira, que morava na vila de Barcelos, num dos cargos da sua governança.

Nela se dizia missa aos domingos, podendo assistir quem quisesse.

No século XVIII, quando por lá passaram os Visitadores, achava-se ela em mau estado, não servindo, por isso, os fins piedosos a que se destinava, tendo aqueles, como lhes competia, aconselhado a que fizessem as obras necessárias à sua restauração e conservação.

Há anos, pertencendo ao Sr. Virgílio, de Arouca, o seu caseiro informou que ela tinha sido profanada, por lá terem guardado cavalos, o que fez com que o Arcebispo de Braga a interditasse.

CAPELA DE SANTA ANA O Dr. Teotónio, ao tratar das Casas de Paços de Baixo e de Cima, que pertenceram aos seus antepassados, escreveu: «Houve uma Capela dentro da actual Quinta de Paços, nos Campos de Santa Ana. Não se conhece a data da sua fundação, nem tão pouco a época em que foi destruída. Existiam em 1948 uns restos dos seus alicerces a atestarem a sua existência.

A imagem de Santa Ana, porém, foi transferida para a Igreja Paroquial, encontrando-se ao lado da Epístola. A imagem de Nossa Senhora das Mercês, de certa antiguidade, foi levada dali para a sacristia daquele Templo. Segundo conta o mesmo, um Reitor da paróquia teve a ideia de mandar enterrar essa imagem, numa das sepulturas da capela-mor.

O que o levaria a tal procedimento? E porque a não tiram de lá?

CAPELA DA SAGRADA FAMÍLIA Na Casa de Paços de Baixo, mandou o Rev.^{do} Padre José António da Silva Fonseca, edificar a suas expensas e de seu irmão António da Silva Fonseca, a Capela da Sagrada Família.

Era, então, esse sacerdote, Vigário da freguesia de S. Paio de Gual. De estilo moderno, alta e elegante, acompanha, de certo modo, a arquitectura da Casa, depois das obras ali feitas para tal fim, em 1919, altura em que parece ter tomado a referida invocação.

SANTA EULÁLIA DE RIO COVO, ACTUALMENTE

A freguesia de Santa Eulália de Rio Covo está a sair do marasmo em que esteve mergulhada durante muitos e muitos anos. Além de se ter construído bastantes casas modernas, a actual Junta, à frente da qual está Manuel da Costa Dias, homem dinâmico e cheio de boa vontade em desenvolver a

terra que o viu nascer. Tem sido incansável em dotá-la com os melhoramentos que a vida hodierna exige.

Assim, em 1920 tinha só uma estrada, e com mau piso, que partindo do cruzamento de S. Miguel da Carreira, parava perto da Igreja e acabava junto da estação de Midões, aonde se ligava à estrada nacional Barcelos - Famalicão.

Essa estrada deve-se ao Dr. Miguel da Silva Fonseca, que nesse tempo era o Presidente da Câmara Municipal de Barcelos.

Em 1978 o actual Presidente da Junta, mandou rasgar outra que parte do lugar de Paços e termina na referida nacional, junto do armazém de Vinhos Campelo, no lugar das Fontainhas, estando agora as duas bem empedradas.

Da que vem do cruzamento de S. Miguel, foi aberta outra no caminho que passa em frente da Quinta da Boavista, e vai até ao cimo da freguesia. Junto desta tem vários loteamentos já preparados para novas construções, que mais vão embelezar a freguesia.

ENSINO PRIMÁRIO

Neste mesmo ano foi inaugurada uma nova escola, um bom edifício com 4 salas, alpendre e terreno para recreio. Até ali, o ensino era ministrado numa velha casa, no lugar do Agro, tendo sido criada esta no ano de 1921.

Em 1981, foi preparado um campo de futebol para entreter a juventude, numa bouça oferecida pelo Dr. Teotónio José da Fonseca.

CENTRO SOCIAL

Presentemente está em construção uma bela e grande casa, em terrenos cedidos pelo referido Dr. Teotónio, Fortunato da Costa Dias e Delfim Faria, à face da estrada, que atravessa a freguesia, e próximo da igreja.

Ali será instalado um infantário, uma sala para o ensino pré-primário, um Centro Cultural, Literário e Artístico; a sede da Junta de Freguesia, cantina com refeitório e cozinha.

Haverá, também, uma sala para a sede do grupo desportivo, com um bar, e no terreno anexo, cedido pelos mesmos, um parque infantil e campo de jogos.

Tudo isto é construído com o dinheiro oferecido pelo povo, e parte com subsídios da Câmara Municipal de Barcelos.

OUTROS MELHORAMENTOS

Ainda no referido ano de 1981 alargaram o cemitério, e foram abertas as seguintes fontes públicas: Barbeita, Águas Santas, Devesa, Pagãos, Telo e Chascos.

Até aí a água era fornecida pelos poços e minas.

INDÚSTRIAS E COMÉRCIO

As suas indústrias artesanais eram bastante reduzidas até 1950. Apenas alguns se entregavam ao fabrico de vassouras de giesta, que vendiam nas feiras semanais de Barcelos; e o carvão de madeira, que era vendido em Braga, Póvoa de Varzim, Porto e outras terras do Norte.

Actualmente há a indústria de mármore aplicados em jazigos, casas e muitas outras coisas. Há, também o fabrico de móveis, serralharia e várias aplicações de ferro.

Durante muitos anos só havia uma loja de mercearia. Hoje tem três, sendo a maior e melhor apetrechada, a do centro da freguesia, já com salão de jogos, café e televisão, pertencente a Manuel da Costa Dias.

CORREIO

O correio foi, durante muitos anos, recebido numa casa particular, enviado de Barcelos, e a seguir distribuído pelo Regedor. Há, aproximadamente vinte anos, passou para o estabelecimento do referido Manuel da Costa Dias, vindo agora directamente de Barcelos um carteiro, que o entrega nas próprias casas.

TOPONÍMIA DA ALDEIA

Esta freguesia, bastante extensa, tem muitos lugares, como: Águas Levadas, Águas Santas, Agra, Agro, Boavista, Barroco, Casal, Cabo, Coutada, Cachadinha, Devesa, Engenho, Guarda, Igreja, Levandeira, Lamas, Monte Real, Mego, Monte, Outeiro, Pagãos, Passo, Pachorio, Soutulho, Trás-da-Fonte e Vilar.

VIAS DE COMUNICAÇÃO

Como já atrás disse, tem esta freguesia bons meios de comunicação por carreiras entre Barcelos, Famalicão e Porto, e outras que vão pelo interior para transportar o povo. Além disso tem o apeadeiro do caminho de ferro de S. Miguel da Carreira, à distância de aproximadamente um quilómetro, bem como a estação de Midões, mais ou menos à distância de dois quilómetros.

E são já muitos os carros particulares e as motorizadas, assim como os tractores para os trabalhos agrícolas e que, às vezes, também servem de meio de transporte.

ACHADOS RECENTES. CASTELO DE RIO COVO

Este castelo foi construído perto do castro que está ao lado, no mesmo lugar chamado Castelos. Fica situado no monte da Vaia, vulgarmente conhecido por Picoto, a norte da freguesia.

Só há pouco despertou a curiosidade de alguns rapazes que até ao cimo do monte se deslocaram em passeio, e encontraram vestígios do que outrora foi um Castelo, conhecido pelo nome de Castelo Roqueiro, e que há alguns anos a está a ser objecto de estudo do catedrático da Universidade do Porto, Professor Carlos Alberto Ferreira de Almeida.

Em outros trabalhos recentes feitos na abertura dum cano para levar a água à nova sede da Casa do Povo e do Centro Cultural, foram encontrados abundantes vestígios das antigas termas das Águas Santas, como restos de muros, de telhas e vários utensílios.

FAMÍLIAS ANTIGAS DE SANTA EULÁLIA DE RIO COVO. CASA E QUINTA DA BOAVISTA

Em Santa Eulália de Rio Covo, em local airoso e elevado, de onde se avista a paisagem de grande parte da freguesia, existe uma casa apalaçada com grande escadaria, varanda com colunas, tudo em granito, capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, e um pitoresco terreiro em frente, fechando ao nascente por um alto paredão de alvenaria, com ameias, e com um grande portão de entrada. No cimo daquele, pode-se admirar um dos mais belos brasões portugueses (na opinião de quem o foi fotografar) feito em granito, representando os apelidos de Pereiras, Mouras, Carneiros e (?). Não se conhece o terceiro apelido, que mostra bem ter pretendido a uma nobre, distinta e abastada família, que outrora ali viveu à lei da nobreza, e se julga ser Farias.

Conquanto se diga na localidade ter sido habitada em 1374, pelo Cavaleiro e Sacerdote Gonçalo Nunes de Faria, filho do destemido e heróico Alcaide do Castelo de Faria, D. Nuno Gonçalves de Faria, sabe-se por velhos alfarrábios, que foi mandado fazer por Antão Gonçalves Pereira, Cavaleiro-Fidalgo da geração



Entrada da Boavista

dos Condes da Feira, da Terra de Santa Maria, aí pelos anos de 1380, como assim o testemunha a «CHRONICA DA PROVINCIA DA SOLEDADE», de Frei Francisco de Santiago, Parte I, Livro IV, Capítulo II, a páginas 282.

O Alcaide-Menor do Castelo de Faria, era filho do destemido e heróico Alcaide do dito Castelo, D. Nuno Gonçalves de Faria, que viveu sempre no seu Castelo. O filho, Gonçalo Nunes de Faria, depois da morte do pai, ordenou-se de sacerdote e foi Abade da freguesia de Santa Eulália. Como bom fidalgo que era, é natural que necessitasse de uma moradia a condizer com a sua posição social. Embora as crónicas desse tempo nada digam sobre a possibilidade de ter ele mandado construir a Casa da Boavista, e afirmem que foi Antão Gonçalves Pereira, o certo é que Gonçalo Nunes de Faria, tomou posse da Paróquia de Santa Eulália, a partir de 1373 ou 1374, quando se deu o feito de seu pai, e o Solar da Boavista, foi edificado em 1380.

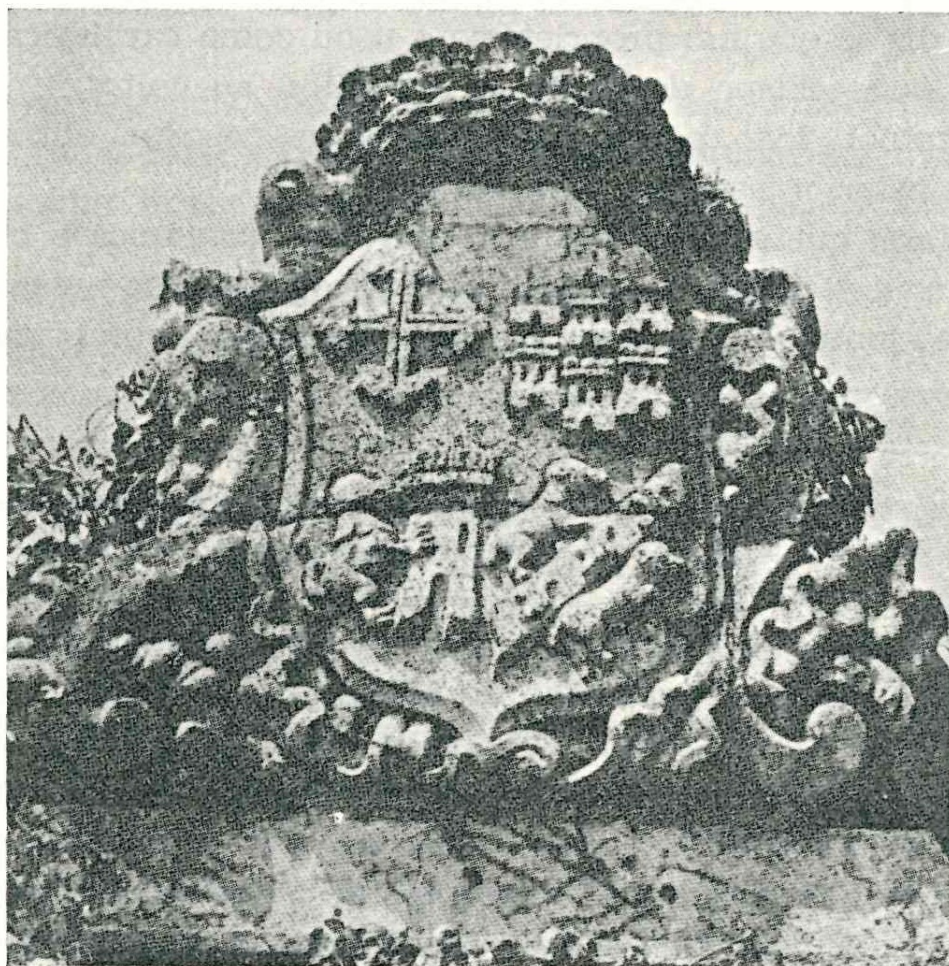
Teria Gonçalo Nunes mandado construir uma casa nessa Quinta, que poderia vender ao tal Antão Gonçalves Pereira, que a acrescentaria para lhe dar o aspecto solarengo que presentemente desfruta a sua arquitectura? Isto são deduções que não podemos afirmar, por não haver documentação que verdadeiramente o comprove, senão a diferença daquelas datas.

LIVRO DOS BRASÕES

— Pedras e Armas Tumulares do Distrito de Braga — Concelho de Barcelos, Além-Cávado - 6.º

No entanto este livro diz o seguinte:

— «O brasão da Casa da Boavista é formado pelo Escudo, assente numa cartela decorativa. Coronel de Nobreza. A composição é esquartelada. Tem na parte inferior um leão junto duma torre e a seguir mais dois leões. Em cima, figura uma Flor-de-Liz, e à esquerda os 7 castelos. Na ascendência dos da Boavista, havia Borges e Farias.»



Brasão da Casa da Boavista

Ainda no paredão que separa o Solar e o jardim existe uma porta arredondada no cimo, que dava acesso à Capela, que ficava pegada à Casa, tendo comunicação pelo interior. Por cima desta porta, por onde o povo entrava quando queria assistir à missa, e que depois, foi interditada, tem uma cruz ladeada por dois piões, tudo de granito. Esta porta foi tapada com pedras, mas ainda se conhece bem a sua forma arredondada.

A Capela, por dentro, está completamente desguarnecida de tudo, e diz-se que um proprietário a usou como cavalaria, razão porque o Arcebispo de Braga a interditou ao culto.

O actual dono pensa fazer-lhes as respectivas obras, se o aspecto exterior está em bom estado.

A Casa, que era enorme e, como disse, comunicava interiormente, com a Capela, foi restabelecida, cortando-lhe nessa altura, a parte junto à Capela, por ser demasiado comprida. Mas foi pena.

REMONTEMOS AOS PRIMEIROS PROPRIETÁRIOS DO SOLAR DA BOAVISTA

Antão Gonçalves Pereira, que se diz ser quem mandou construir este belo Solar, era filho do Mariscal de Portugal e Senhor da Terra da Feira, Álvaro Pereira, e serviu a el-Rei D. João I. Foi Capitão-Mor no Descobrimento da Guiné e seu Governador.

Por razões que ignoramos, veio a ordenar-se sacerdote, tendo sido Abade das freguesias barcelenses de S. Lourenço de Alvelos, S. Paio de Midões, S. Martinho das Carvalhas, S. Paio de Gual e de Santa Ovaia (ou Eulália) de Rio Covo.

E porque a freguesia talvez não possuísse habitação capaz para o seu pároco, e este desejasse ter casa compatível com a sua posição religiosa e social, teria decidido mandar construir a Casa da Boavista, na Quinta do mesmo nome.

É vasta a relação das famílias que neste Solar viveram à lei da nobreza, a partir do século XIV.

Por nossa parte gostaríamos de apresentar nestas notas um trabalho genealógico que permitisse demonstrar a importância das gentes de antanho, que nesta Quinta viveram com seus criados, cavalos e demais pertencas.

Mas como este estudo formaria um grande catálogo, que não seria próprio para uma Monografia, resolvemos inserir uns ligeiros apontamentos de alguns dos seus membros, que durante cinco séculos nesta Casa e Quinta alardearam suas nobres prosápias.

Iniciamos, pois, estes apontamentos em Antão Gonçalves Pereira, fundador da Casa e da primeira família que nela habitou, e assim descriminaremos algumas notas genealógicas:

ANTÃO GONÇALVES PEREIRA, Abade de Santa Ovaya de Rio Covo, no termo e comarca de Barcelos, fez a Quinta da Boavista, na mesma freguesia, como muito bem nos diz a «*Chorographia Portuguesa*», do Padre António Carvalho da Costa, tomo II, a páginas 483.

De Beringueira Pereira (outros dizem que de Branca da Cunha das Ortas) teve um filho bastardo, chamado Diniz Gonçalves Pereira.

DINIZ GONÇALVES PEREIRA, a quem cognominaram de *Velho*, para o distinguir de um seu filho, que usou o mesmo nome, foi Senhor da Casa e Quinta da Boavista, e casou com Violante de Faria. Depois de enviudar foi também Abade de Santa Ovaya de Rio Covo, no Arcebispado de Braga. Teve dois filhos.

DINIZ GONÇALVES PEREIRA, a quem chamaremos *O Novo*, para o diferenciar de seu pai, substituiu-o na Abadia de Santa Ovaya de Rio Covo.

HENRIQUE PEREIRA DE SOUSA, seu irmão, sucedeu ao pai na Quinta da Boavista, tendo casado com Martha de Azam-

buja, de quem houve dois filhos: Bartolomeu Pereira de Azambuja e Gaspar Pereira, este último sem mais notícia.

BARTOLOMEU PEREIRA DE AZAMBUJA, sucedeu a seu pai na Quinta da Boavista. Casou com Isabel de Azevedo Moutinho, de quem houve um filho chamado António Borges Pereira.

ANTÓNIO BORGES PEREIRA, sucedeu na Quinta da Boavista. Foi escrivão na vila de Barcelos, no ano de 1617. Casou com Maria de Azevedo, que dele teve três filhos: Maria Pereira, Diogo Borges Pereira e Jerónimo Pereira de Azevedo.

DIOGO BORGES PEREIRA, sucedeu na Quinta da Boavista e veio a casar com Martha de Moura Gouveia, que dele teve dois filhos: Baltazar de Moura e Filipa Pereira.

BALTAZAR DE MOURA FARIA, seu filho, sucedeu na Casa e Quinta da Boavista. Do seu casamento com Luíza Carneiro, nasceram: Maria de Almeida e Bento Pereira de Moura. Este casamento foi celebrado em Fão.

BENTO PEREIRA DE MOURA, sucedeu na Quinta da Boavista. Como tivesse falecido sem deixar geração, passou a mesma propriedade para seu sobrinho António Carneiro, Senhor do Morgadio da Serra, em Vila do Conde.

MANUEL CARNEIRO DE FIGUEIREDO, filho de António Carneiro e de sua mulher, seguiu-se no senhorio da Casa e Quinta da Boavista. Veio a casar com Leonor Luíza Pereira Coutinho, que teve um filho: António Carneiro de Figueiredo.

ANTÓNIO CARNEIRO DE FIGUEIREDO PEREIRA COUTINHO, sucedeu a seu pai na Quinta da Boavista. Foi deputado às

Côrtes em 1828. Casou com Maria Joaquina de Abreu e Lima, da Casa da Carreira, em Viana do Castelo. Tiveram uma filha chamada Maria José Pereira Coutinho de Vilhena.

MARIA JOSÉ PEREIRA COUTINHO DE VILHENA, faleceu sem geração, tendo deixado a Quinta da Boavista a seu sobrinho António Maria Carneiro de Vilhena.

ANTÓNIO MARIA CARNEIRO DE VILHENA, sucedeu a sua tia Maria José, na Quinta da Boavista. Veio a casar com Maria do Rosário Ferreira de Macedo de Faria Gajo, da geração do linhagista Dr. Felgueiras Gajo, Senhor da Casa da Ponte, em Barcelos. Foi ele quem vendeu a Casa e Quinta da Boavista, por escritura de 18 de Agosto de 1836, passando, deste modo, a estranhos à descendência do fundador⁶.

INFORMAÇÃO DO PROPRIETÁRIO JOAQUIM DIAS

O proprietário Sr. Joaquim Dias, o mesmo que foi entrevistado pelo Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, contou-me que Braz Carneiro, fidalgo da Casa e Quinta da Boavista tinha tantas Quintas que se dizia receber tantos carros de milho como de dias tem o ano.

Porém, entregando-se muito ao jogo, jogou tudo e tudo perdeu. Depois de muitos anos passados na posse de novos senhores, a Casa e Quinta da Boavista, foi vendida a Virgílio Gomes Valente, de Arouca, que nunca lá viveu, indo de vez em quando visitá-la, estando ela entregue a caseiros.

⁶ *Nobiliário das Famílias de Portugal* — Dr. Manuel José da Costa Felgueiras Gajo, título de Pereiras - Barcelos (Casa da Igreja).

Apont. Históricos e Geanológicos — Dr. Teotónio José da Fonseca, título de Pereiras, Silvas de Rio Covo, Farias e Teixeiras, 1924.

Foi este dono que a vendeu ao Sr. Joaquim Dias e seus filhos Fortunato e Dr. Aparício da Costa Dias.

Por partilhas, depois do falecimento de sua mulher, Delminda Ana da Costa, ficou toda para o Dr. Aparício, que ainda lá encontrou várias peças de louça, móveis e vários objectos de uso, muito antigos e valiosos.

Porque a Casa estava em ruínas, interiormente, o Dr. Aparício mandou-a reconstruir, e lá vive com sua esposa Maria de Lurdes Carvalho Araújo da Costa Dias, e seus filhos Pedro Aparício, actualmente a frequentar a Faculdade de Letras, e grande curioso das coisas de antanho; e Joaquim Manuel, Paulo Alexandre e Nuno André Araújo da Costa Dias, todos menores ainda.

Contou-me ainda aquele senhor que numa bouça que possui no lugar de Águas Santas, foi cachado um talhão para ser cultivado, e lá encontraram muitas pedras com o formato de banheiras, que deviam ser utilizadas para os doentes tomarem banhos nas ditas águas.

Essas pedras foram aplicadas na construção duma eira, e uma pia aproveitada para os porcos comerem. Mais tarde essas pedras foram retiradas da eira, a pedido do sr. Vinagre, proprietário da Quinta do Tamariz, em S. Miguel da Carreira, que as colocou num terraço construído junto à casa.

CASA E QUINTA DE PAÇOS

Segundo afirmação do Dr. Teotónio José da Fonseca, nos seus *Apontamentos Históricos e Genealógicos*, a seguir à Casa da Boavista está a Casa de Paços, que data do século XVII, cuja família foi fundada por Tomé Gonçalves da Silva, dos Silvas de Rio Covo.

Esta Casa está situada junto da estrada municipal, que liga à estrada nacional de Barcelos a Famalicão, e parte do lugar



Casa de Paços

do Fontelo, na freguesia de S. Paio de Midões, pela passagem de nível, do caminho de ferro, em direcção a Águas Santas, lugar de Santa Eulália de Rio Covo.

Compõe-se este solar de quatro partes:

PAÇOS DE BAIXO De grande imponência, com enorme escadaria de granito, que termina numa sumptuosa varanda com várias colunas também de granito, material de que é construída a Casa. Seguem-se grandes salões nesta parte acastelada, e logo a parte antiga. A seguir fica a Capela, que liga outra parte igual à anterior, a que dão o nome de Paços de Cima. Há outra em seguida que atravessa o caminho, formando um arco do lado de baixo, e que liga à Quinta que fica em frente — Paços de Cima —, pertença da mesma família.

Nesses tempos usava-se o nome de Paço para distinguir a residência de reis, dos bispos, fidalgos de importância ou brazonados.

E, assim, diz-se que o nome de Passos, vinha de umas passadeiras que existiam junto a estas importantes propriedades.

O mesmo autor diz que essas passadeiras ficavam junto à antiga Casa e Quinta, no riacho de Subrebes. Outros são de opinião que o nome de Paços poderá vir duma velha casa solarenga, que estaria situada no mesmo lugar, onde está esse grande Solar, residência dos antepassados dos Morgados de Paços, e da actual família.

Essa Casa de Paços não teve sempre a mesma imponência. Como acima disse, foi aumentado aos poucos. Em 1723, começou a ser aumentado, e em 1848 foi construída a magnífica Capela de Santo António e S. José. Na mesma época acrescentaram a outra parte e o tal arco, com uma sala por cima. É esta a parte agora habitada pelo actual herdeiro, Dr. Teotónio, filho do autor do livro, *Barcelos Aquém-e-Além-Cávado*, quando lá vai de visita, o que faz quase todos os dias.

Em 1917 foi reconstruído o referido passadiço, e um ano depois mandaram colocar o portão que está voltado ao nascente. O torreão que está situado a sul, foi edificado no ano de 1920, ano em que construíram a referida varanda alpendrada. O portão nobre voltado ao sul foi erguido em 1774, por ordem do Dr. Frei João Baptista da Silva, religioso beneditino.

Em 1919, o Senhor da Casa de Paços de Baixo, comprou aos seus parentes a parte de Paços de Cima, unindo assim os dois edifícios com o nome de Casa de Paços, com os terrenos das Quintas que lhes pertencem.

No alto da Capela deste Solar está a pedra d'armas, de bonito efeito ornamental, que embora não diga respeito à família de Paços, relaciona-se com alguns dos seus descendentes pela linha dos Morgados de Perdigão, pelo casamento de D. Florinda Teixeira de Barros, com António José da Silva Fonseca, avós do Dr. Teotónio José da Fonseca, brasão concedido por carta de 31 de Janeiro de 1612, a Miguel Teixeira de Barros, 3.º Morgado do Perdigão, Carvalhas.

A Casa do Perdigão, foi reconstruída em 1773.

O brasão é formado pelo «Escudo peninsular e o Elmo», com paquife, virol e timbre.

I — Teixeira; II — Barros; III — Tinoco; IV — Costa.

Quando visitei este Solar, na companhia do Dr. Teotónio, este senhor informou-me que a Capela da Casa de Paços tem por orago a Sagrada Família e, de facto, verifiquei que essas sagradas imagens figuram no centro, por cima do altar.

PAÇOS DE CIMA

Gonçalo Tomé da Silva, sucedeu a seu pai em Paços de Cima. Casou com Maria Gonçalves, de quem houve uma filha chamada Isabel Gonçalves da Silva, que se consorciou com Manuel Afonso. João Tomé da Silva, seu filho, sucedeu na Casa e casou com



Brasão da Casa de Paços

Helena Tomé da Fonseca, da Casa de Amins, em S. Miguel de Chorente, Barcelos, entrando esta família na geração da mesma Casa de Amins, tronco dos FONSECAS.

Entre outros filhos tiveram: Manuel da Silva Fonseca, casado com Isabel de Mariz, da Casa da Torre de Moldes, em Remelhe; e pelo casamento de Miguel da Silva com Isabel Tomé da Silva, filho ilegítimo daquele, mais uma vez se aparentou esta Casa com a de Paços de Baixo. Isabel da Fonseca, casou na Casa de Real, em Santa Maria de Moure, Barcelos, com Pedro Lourenço, Senhor do vínculo de Real. E com este enlace e ainda com outros se aparentou Paços de Cima, com a Casa da Nogueira, em S. Jorge de Airó, com a do Outeiro, em S. Pedro de Adães, outra vez com a da Torre de Moldes, em Remelhe, e com a de Paços de Baixo; e pela primeira vez, com a da Madalena, de Vilar, do Carvalhinho e de Encourados, estas duas últimas na freguesia de S. Tiago de Encourados, Barcelos. E Francisco da Fonseca, sucessor na casa de seus pais, casado com Jerónima Bernardes Coutinho, em 1678, senhora oriunda da ilustre Casa de Balsemão. Sucedeu a este em Paços de Cima, sua filha Maria Bernardes da Fonseca, que se uniu pelos sagrados laços com Sebastião de Andrade Rego e Faria. A esta seguiu-se Senhorinha de Andrade Rego e Faria, casada com João Pacheco Pereira.

Sucedeu-lhes o filho Damazo José de Andrade Rego e Faria, que se recebeu com Laurenciana de Sousa Azevedo, em Paços de Cima. Em 1832 fez testamento pelo qual legou a seu filho Pedro os serviços militares que durante mais de 50 anos tinha prestado à pátria, quer como Capitão-Mor das Milícias, de Vila do Conde, quer ainda como Major do mesmo regimento, posto em que tinha sido reformado, depois de ter participado em toda a Campanha Peninsular. Atribuem-se ainda a Damazo José os principais cargos da Governança da antiga vila de Barcelos.

Nesta Casa sucedeu o filho Pedro José de Andrade Rego e Faria, que se ligou matrimonialmente com Ana de Azevedo

Coelho, descendente, ao que dizem, da ilustre Casa de Azevedo, na freguesia da Lama, ao tempo do termo de Prado, e hoje do concelho de Barcelos.

Em vida deste casal deu-se a junção das duas Casas de Paços em uma só família, que a representou até aos nossos dias, até à descendência do Dr. Teotónio José da Fonseca, último representante.

Segundo escreveu o Dr. Teotónio, na Casa de Paços nasceram e ilustraram as suas famílias em Religião, nas Armas, nas Letras e em Direito, os seguintes membros dela:

Manuel da Silva Fonseca; Frei Agostinho, Provincial da Ordem dos Capuchos; Frei Gabriel de Santa Eulália, Prior de Miranda e Abade de Ganfei, esta do termo de Valença do Minho; Dr. D. Frei João Baptista da Silva, duas vezes Abade e duas vezes Geral da Ordem Beneditina, em Portugal, que serviu nos Mosteiros de S. Martinho de Dume e Alpendurada; Frei João de Santa Eulália de Rio Covo, Frade da Ordem Franciscana, de quem se ocupa a *Chronica da Provincia da Soledade*.

O Dr. Felgueiras Gajo, no seu *Nobiliário*, confirma os serviços prestados à Ordem Beneditina pelo Rev.^{do} Dr. D. Frei João Baptista da Silva, sapientíssimo beneditino.

Também se evidenciaram nesta família o Padre Miguel da Silva Coutinho, Frei Bento de Santa Eulália, Religioso da Ordem dos Capuchos; o Capitão Carlos da Fonseca; o Padre Sebastião do Rego de Andrade Faria, Reitor da freguesia de Ovelha; o Major Damazo José de Andrade Rego e Faria, e tantos outros que se não conseguem apurar.

Esta família da Casa de Paços teve, também, um casamento na Casa da Boavista, da dita freguesia de Santa Eulália de Rio Covo, celebrado entre D. Maria José de Andrade Rego e Faria e Braz Manuel Carneiro de Vilhena, Senhor da mesma Casa da Boavista.

Frei João de Santa Eulália de Rio Covo, foi ex-Leitor de Teologia e Qualificador do Santo Ofício, Visitador da Arrábida,

e sendo Definidor habitual foi presidente do 1.º Capítulo da Santa Província da Conceição deste Reino de Portugal por autoridade apostólica.

«NOBILIÁRIO DE FAMÍLIAS DE PORTUGAL» — Dr. Manuel José da Costa Felgueiras Gajo. Títulos dos Silvas de Rio Covo, Farias, FONSECAS, TEIXEIRAS e PEREIRAS — Barcelos — século XIX.

«APONTAMENTOS HISTÓRICOS E GENEALÓGICOS» — Dr. Teotónio da Fonseca. CASA DE PAÇOS, 1927.

«A CASA DE PAÇOS EM SANTA EULÁLIA DE RIO COVO» — Ilídio Eurico Gomes Ramos. Jornal «O Barcelense», 1963.

NOTAS GENEALÓGICAS DOS SILVAS DE RIO COVO

PAÇOS DE BAIXO

Esta família, porque representa dois dos principais ramos genealógicos de um tronco comum, cujo princípio se atribui a Tomé Gonçalves da Silva, distribui-se por duas gerações vindas de dois irmãos, que viveram em duas casas que mais tarde resultaram numa só, ou seja, em um só Solar, a que deram os topónimos de Paços de Baixo e Paços de Cima.

PAÇOS DE BAIXO Tomé Gonçalves da Silva, é o primeiro que inicia a família de Paços. Casou com Francisca Dias da Fonseca, na Casa da Igreja, da freguesia de S. Paio de Midões, termo de Barcelos, no século XVII e desse casamento nasceram dois filhos: Braz Tomé da Silva e Gonçalo Tomé da Silva. O primeiro foi morar na Casa de Paços de Baixo e casou com Helena Gonçalves da Costa, sucedendo-lhe seu filho João Tomé da Silva, que contraiu casamento com Maria Pires. Sucedeu-lhe sua filha Isabel Tomé da Silva, que casou com um seu parente, Gonçalo Tomé da Silva. Sucedeu-lhe sua filha, também chamada Isabel Tomé da Silva, que casou com Miguel da Silva, seu parente, filho bastardo de Manuel da Silva Fonseca, Senhor da Casa da Torre de Moldes, na freguesia de Santa Marinha de Remelhe, concelho de Barcelos, e dele teve uma filha chamada

Maria Tomé da Silva, que casou com Manuel Gomes de Miranda. Por este enlace veio a Casa de Paços a aparentar-se com a Casa de Cepães, na freguesia de S. Pedro de Adães, também de Barcelos.

Sua filha, Bernarda da Silva, casou com Bento Francisco, Senhor da Casa da Levandeira, em Santa Eulália de Rio Covo. A esta sucedeu, no senhorio das duas Casas, o filho Miguel Luís da Silva Fonseca, que casou com Maria Josefa Lopes, em 1794. Por este casamento ligou-se esta família com os Lopes de S. Jorge de Airó. Entre outros filhos, houve ainda Luiza da Silva Fonseca, casada com Manuel Gomes Pereira, Senhor da Casa de Chapre, em Midões; Miguel José da Silva Fonseca, casado com Teresa da Silva Leitão, que era aparentada com os das Casas de Pagãos, em Santa Eulália; Casal da Igreja, em S. Tiago de Cambezes, termo de Barcelos; Casa da Veiga, em Arentim, termo de Braga, etc., e António José da Silva Fonseca, sucessor em Paços de Baixo, que casou com Florinda Teixeira de Barros, 11.^a Senhora do Morgado do Perdigão, na freguesia de S. Martinho de Carvalhas, já referida, e da Casa de Cusa, na freguesia de S. Miguel das Aves, Santo Tirso.

Lendo, há pouco, o jornal *Cardeal Saraiva*, de Ponte de Lima, de 18 de Fevereiro de 1983, vim a saber que a última proprietária da Casa e Quinta da Barrosa se chamava D. Maria do Carmo Pinto de Almeida e Meneses, Senhora das Casas e Quintas da Barrosa, da Laje, do Cerdal, de Gualtar, das Portas em Braga, da Capela em Orbacém, e do palacete em Viana, na Rua Manuel Espregueira. Faleceu em 1877, sem herdeiros forçados, e por terem sido extintos os vínculos, instituiu herdeiro universal o seu feitor, António Ribeiro da Silva, que foi então Senhor de todos os bens de D. Maria do Carmo (herança avaliada em mais de trezentos contos, importância enorme para a época). António Ribeiro da Silva, era filho de José Ribeiro da Silva e de sua mulher Rosa Rodrigues. Casou em 22 de Novembro de 1841, com D. Joana Fernandes de Lima. Do seu

casamento houve nove filhos e ao saber-se do valor do legado, não faltaram pretendentes para as filhas.

Por morte do pai em 1884, veio a herdar as Casas da Barrosa, da Laje, o Palacete de Viana e a Quinta do Terrado, a sua filha D. Antónia Ribeiro de Lima, que casou com José Ribeiro de Lima da Costa Azevedo, Senhor da Casa de Vila Meão, na freguesia de S. Martinho de Vila Frescainha, da Casa e Quinta do Faial, que comprou em 1903 a Gaspar Werneck.

Foi rico proprietário e grande político em Viana do Castelo. Fidalgo de Cota de Armas. Primeiro Visconde da Barrosa, por carta passada por el-Rei D. Carlos, em 1 de Setembro de 1892. Nasceu a 8 de Julho de 1851, na freguesia de S. Martinho de Vila Frescainha em Barcelos, e faleceu na Casa da Barrosa, em Vila Franca do Lima, em 30 de Novembro de 1925.

Foi da sr.^a D. Antónia Ribeiro de Lima, que nasceu uma filha que casou com o Dr. Teotónio José da Fonseca, pai do actual proprietário da Barrosa e de Paços.

FAMÍLIAS ANTIGAS DE SANTA EULÁLIA DE RIO COVO

CASA DA LEVANDEIRA Outras casas existem em Santa Eulália de Rio Covo, aparentadas com a de Paços. Entre elas conta-se a da Levandeira.

Segundo o Dr. Teotónio José da Fonseca, há duas Casas da Levandeira: Levandeira de Baixo e Levandeira de Cima. Interessamos a última, porque a outra nunca pertenceu à família dos Silvas, de Rio Covo.

O primeiro possuidor dela foi João Fernandes, que tendo casado com Maria Gonçalves deram dois filhos: João Francisco, falecido em 25 de Setembro de 1800, sem deixar descendência; e Bento Francisco, que sucedeu aos seus progenitores nesta Casa da Levandeira. Casou com Bernarda da Silva, da Casa de Paços de Baixo, andando assim unidas as duas Casas até ao faleci-

mento de Miguel José da Silva Fonseca. Sucedeu-lhe sua filha Maria Joaquina da Silva Fonseca, que veio a casar com Domingos da Silva Capela.

Por sua morte, e não tendo descendentes, legou a Casa da Levandeira a seu marido, passando, assim, a estranhos à família de origem.

CASA DE VILAR Esta Casa tem na sua entrada a seguinte inscrição — IDCCCVI - A.S. — gravada no cimo duma porta que lhe dá acesso. O mesmo autor diz-nos, em relação à linha genealógica desta família, que Antónia da Silva, que parece ser filha do segundo matrimónio de Miguel da Silva, casou nesta Casa com Domingos Pereira, desconhecendo-se se houve descendência deste enlace, porquanto esta senhora deixou testamento com data de 20 de Setembro de 1764, instituindo seus herdeiros três parentes: o Rev.^{do} Miguel da Silva Fonseca, Bernarda da Silva e Luiza Teresa da Silva. A filha desta, de nome Maria José Gomes da Silva, foi Senhora da Casa de Vilar, em Santa Eulália de Rio Covo, tendo contraído casamento com Manuel José da Silva, que desempenhou o cargo de Familiar do Santo Ofício. Era filho de Domingos Gomes de Faria e de Isabel da Silva, sua esposa. Por falecimento de ambos succedeu-lhes, nesta Casa de Vilar, o filho José da Silva, que durante o Cerco do Porto, ocorrido no ano de 1839, veio a morrer em combate.

Seu irmão Miguel da Silva, seguiu-se-lhe no senhorio desta Casa. E como não tivesse geração que lhe sucedesse, legou-a ao seu primo Rev.^{do} José António da Silva Fonseca. A este succedeu Bertilina Gomes da Cunha, sua filha bastarda, a quem perfilhou por registo feito em 1 de Setembro de 1901. Esta veio a casar com Fortunato Dias, pai do atrás referido Joaquim Dias e, portanto, avô do Dr. Aparício, e de seus irmãos Fortunato da Costa Dias e Manuel da Costa Dias, Presidente da Junta desde há anos.

Foi esta Bertilina Gomes da Cunha, a sua última donatária, falecida em 1947.

CASA DE PAGÃOS Pedro Lourenço é o primeiro Senhor conhecido desta Casa. Era filho de Tomaz de Vilas Boas e de Marta Lourenço, sua esposa. António de Vilas Boas era seu tio. Casou com Maria Gonçalves, filha de Manuel Gonçalves e de sua esposa Isabel Gonçalves. Houve vários filhos deste casal, mas só há conhecimento de uma Maria da Silva, e de outra cujo nome se desconhece.

A Maria da Silva veio a casar com Manuel da Silva, sucedendo a seu pai na Casa de Pagãos. Como não tivessem geração para lhes suceder, legou a Casa a Inácio Gomes, seu sobrinho, que vinha a ser filho de uma Maria da Silva, sua irmã, e de Damazo Gomes, seu marido, residentes na freguesia de S. Lourenço de Alvelos, do termo de Barcelos. Por sua vez, este Inácio Gomes, que foi Senhor da Casa de Pagãos, casou com Luíza Teresa da Silva, de quem já se fez referência ao tratar da Casa de Vilar.

Desse casamento nasceram Maria Gomes da Silva e Bernarda Gomes da Silva, que sucedeu na Casa de Pagãos, por doação de seu pai, falecido em 8 de Março de 1802, e casou com António José Gomes Pereira, descendente da Casa de Chapre, em Midões. A referida doação teve lugar em 23 de Agosto de 1797.

Sucedeu-lhe nos bens da família, a filha Teresa Gomes da Silva, que veio a casar com seu primo António da Silva Fonseca, a quem deixou a Casa por não ter descendentes.

Por sua vez, o referido António da Silva Fonseca, legou-a a seu sobrinho Dr. Miguel Pereira da Silva Fonseca, Senhor da Quinta da Boavista, ao Campo de D. Carlos, em Barcelos, Director do Hospital da Misericórdia e do Banco de Barcelos, Presidente da Câmara Municipal e médico muito considerado na Rainha do Cávado, o qual ainda a possuía em 1927.

Esta Casa foi beneficiada com obras a expensas do Dr. Miguel Fonseca, seu último proprietário, inclusivamente com a sua ampliação.

CASA DA DEVESA Os primeiros Senhores que se conheceram nesta Casa foram António Luís Coelho e sua esposa Maria Francisca. Tiveram uma filha de nome Bernarda Coelho, que casou com Domingos Pereira de Vilas Boas, Senhor da Casa da Igreja, em Midões, e dele teve uma filha chamada Maria Coelho de Jesus, que se recebeu com o seu parente José Gomes Pereira, da Casa de Chapre, em Midões, onde continua a sua descendência.

Seu pai, Domingos Pereira de Vilas Boas, tendo enviuvado, casou em segundas núpcias com Rosa Maria da Silva, de quem nada se conhece. Por seu falecimento sucedeu nesta Casa da Devesa, o seu filho Manuel da Silva Pereira, o qual por falta de descendência, por sua morte passou a Casa para a posse de seu sobrinho, Manuel da Silva Gomes Moreira, que celebrou aliança conjugal com D. Olinda de Albuquerque, então Senhora da Casa de Fontelo, na referida freguesia de Midões, que segundo informações do Dr. Teotónio, era em 1927, o seu último proprietário.

CASA DA CRUZ Parece terem sido fundadores desta Casa Josefa Lopes Martins e seu marido José Joaquim Ferreira. Contam-se entre os seus descendentes: Antónia Lopes Martins, que se consorciou com Domingos José Pereira; Teresa de Jesus Ferreira, que veio a casar com José dos Santos; Manuel José Ferreira, que casou com Maria de Figueiredo, de quem houve geração; António José Ferreira, que se recebeu com Teresa Alves; Luíza Lopes Martins, que veio a contrair matrimónio com Domingos da Silva Ferros, de quem houve filhos; Maria Rosa Lopes Martins, casada com José Gomes de Carvalho; Florinda Lopes Martins, esposa de Manuel Pereira da Silva; Júlia

Lopes Martins, casada com José Pereira; Rita Lopes Martins, casada com José António da Silva; Delfina Lopes Martins, mulher de António Coelho, com geração; e José Maria Ferreira, sem mais notícia.

De António José Ferreira e sua esposa Teresa Alves, houve: Alexandre Ferreira, Florinda Ferreira, Júlio Ferreira, Joaquim Ferreira e José Ferreira.

E porque são muitos os descendentes dos outros, fica-se por aqui, sobre as genealogias das Casas de Santa Eulália, que por seus casamentos se ligam às Casas de Paços e dos Silvas de Rio Covo.

Mas ainda há outra bela Quinta, conhecida pelo nome de Quinta de Soutulho, que fica no lugar de Monte Real, junto da estrada nacional, que pertencia, assim como vários terrenos de cultivo e mata, à Quinta da Boavista, e tinham sido vendidos já há muito tempo.

OUTRAS CASAS DE IMPORTÂNCIA PELOS SEUS BENS

Além das Casas acima referidas, há também, em Santa Eulália, algumas casas de grande importância, e agora, ligadas ao actual proprietário da Casa e Quinta da Boavista, Dr. Aparício.

A CASA DE TRÁS DA FONTE Do século XVIII, pertencendo a Carlos de Araújo de Faria.

A CASA DE PAGÃOS De seu irmão Delfim de Araújo Faria.

A CASA DA COMENDA De Joaquim Dias, do ano de 1700, e vendida a este em 1840; respectivamente tios e pai do Dr. Aparício.

(Notas Genealógicas dos «APONTAMENTOS HISTÓRICOS E GENEALÓGICOS») — Dr. Teotónio José da Fonseca — Barcelos, 1927.

FIGURAS NOTÁVEIS DE SANTA EULÁLIA DE RIO COVO

No seu livro *O Concelho de Barcelos Aquém-e-Além-Cávado*, escreveu o Dr. Teotónio José da Fonseca.

«Das pessoas que nasceram, viveram nesta freguesia ou a ela andam ligados os seus nomes, destacaremos os seguintes:

GONÇALO NUNES DE FARIA, filho do bom Nuno Gonçalves de Faria, que vendo matar seu pai junto dos muros do Castelo de Faria, defendeu este das arremetidas dos castelhanos, e sendo Senhor de Azurara, Pindelo e Fão, por mercê de D. João I, se ordenou de clérigo e foi Abade de Santa Eulália de Rio Covo, pelos anos de 1380.

ANTÃO GONÇALVES PEREIRA, Governador do Descobrimento da Guiné e Abade desta freguesia no século XV, foi o fundador da Casa da Boavista.

D. DINIS GONÇALVES DE SEQUEIRA, Abade de Santa Eulália de Rio Covo, que à sua custa mandou imprimir um breviário do século VII, impresso em 1514, do qual existe um exemplar na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

FREI JOÃO DE SANTA EULÁLIA DE RIO COVO, frade franciscano, famoso homem de Letras, natural desta freguesia, foi duas vezes Provincial da Ordem e viveu nos fins do século XVII. Foi ex-Leitor de Teologia, Qualificador do Santo Ofício, Visitador da Arrábida, e sendo Definidor habitual, foi Presidente do 1.º Capítulo da Santa Província da Conceição deste reino de Portugal, por autoridade apostólica.

O DR. D. FREI JOÃO BAPTISTA DA SILVA, frade beneditino, duas vezes Abade, e duas vezes Geral da Ordem, nasceu nesta freguesia em 24 de Setembro de 1679, e faleceu em Alpendurada em 26 de Outubro de 1765.

O CAPITÃO MANUEL DA SILVA FONSECA, nasceu nesta freguesia, casou em Remelhe, e fundou e sustentou à sua custa uma Companhia de Auxiliares, com a qual defendeu as fronteiras nas Guerras da Aclamação.

O MAJOR DAMAZO JOSÉ DE ANDRADE REGO E FARIA, que foi Vereador em Barcelos, e fez toda a Campanha Peninsular.

PADRE MIGUEL DA SILVA FONSECA, foi Vigário nas Carvalhas e Cónego Cura na Colegiada de Barcelos, tendo falecido em 1810.

ANTÓNIO CARNEIRO DE FIGUEIREDO PEREIRA COUTINHO, Senhor da Casa da Boavista, nesta freguesia, e do Morgado da Senra, em Vila do Conde, foi deputado às Côrtes, em 1828.

O DR. MIGUEL PEREIRA DA SILVA, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, nascido nesta freguesia e falecido em Barcelos em 1913, foi Conservador do Registo Predial nesta Comarca, onde exerceu os principais cargos.

MANUEL DA SILVA, cabe a vez de referir um obscuro herói, nosso contemporâneo, nascido nesta freguesia, lugar do Barroco, que se chamou Manuel da Silva. Soldado da Grande Guerra, morreu agarrado à metralhadora nos Campos da Flandres, praticando tais actos de valor e heroicidade que causaram o assombro do inimigo.

Em um cemitério alemão encontrou-se o seu cadáver num coval, onde se erguia uma cruz com o seguinte letreiro, naquela língua: *'Jaz em Deus um valente soldado português que morreu combatendo pela sua pátria'.»*

SANTA EULÁLIA DE RIO COVO NOS TEMPOS PRIMITIVOS

O documento XIII dos «DIPLOMATA ET CHARTAE»

Por CARLOS ALBERTO FERREIRA DE ALMEIDA

Segundo a opinião do Dr. Avelino de Jesus da Costa, Santa Eulália de Rio Covo é uma das terras portuguesas com documentação mais antiga, porque é do ano 906.

Chamava-se então Santa Eulália de Águas Santas, situada em Silva Escura, no território bracarense.

Pensou que fosse a freguesia de Águas Santas, do concelho da Maia; mas o Rev.^{do} Dr. Prof. Carlos Alberto Ferreira de Almeida, veio demonstrar que corresponde a Santa Eulália de Rio Covo, onde ainda existem alguns nomes mencionados na partilha de parte dessa freguesia, entre os bispos Nausto, de Coimbra, e Sisnando de Iria (cuja sede mudou depois para Compostela).

Representantes de ambas as partes reuniram-se, primeiro em Oviedo, e depois em Santiago de Compostela, então Santiago de Arcas, para resolverem a contenda acerca da igreja e vila de Santa Eulália: «pro ecclesia et villa vocabulo sancta eulalia que scita est in silua scura in territorio brakalensis sedis ubi dicent aquas sanctas».

Este documento é justamente um dos mais celebrados diplomas dos *Portugaliae Monumenta Historica*, sendo grande a sua importância para a história eclesiástica⁷, como para a história social e económica da época.

Pela seguinte análise vemos que o documento merece ainda maior atenção, e o seu contributo historiográfico está longe de se encontrar esgotado.

A localização da vila e igreja, citadas neste diploma, tem sido um problema. Mas esse documento ganhará novo vigor e uma outra importância, ficando a ser o melhor testemunho dos «*DIPLOMATA ET CHARTE*» contra a teoria do ermamento na época precedente⁸.

O DOCUMENTO XIII DOS «*DIPLOMATA*»

Ao publicar-se pela primeira vez esta escritura, os autores não intentaram a sua localização. Gama Barros⁹ é, supomos, o primeiro a situar a vila e igreja de Santa Eulália na freguesia de Águas Santas, Póvoa de Lanhoso. O Prof. Dr. Avelino de Jesus da Costa, recusa, e bem, esta identificação. O diploma não se pode referir a essa paróquia, que tem como padroeiro S. Martinho, e escreve¹⁰ que o documento se deve referir a Silva

⁷ Sobre Nausto, que aparece como bispo de Coimbra no reinado de Afonso III das Astúrias e que morreu na Galiza, em 912: Avelino de Jesus da Costa, *Dicionário de Hist. de Portugal*, s. v., «Coimbra (bispado)».

⁸ Por razões militares, D. Afonso I das Astúrias (739-757) teria levado para o norte todos os cristãos desta zona. D. Afonso III (866-909) faria o repovoamento. Isto segundo o relato das Crónicas do tempo deste último rei.

⁹ Gama Barros, *História da Administração Pública em Portugal*, 2.^a edição, tomo XI, pág. 294.

¹⁰ Avelino de Jesus da Costa, *O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga*.

Escura e a Águas Santas, da Maia. Já Alberto Sampaio, propusera esta identificação ¹¹.

Nós próprios, em trabalho anterior, a aceitamos ¹². Mas depressa vieram as dúvidas ¹³. Na verdade, Águas Santas estava fora dos limites da Silva Escura. Certamente devido a estas dificuldades, o Sr. P.^o Miguel de Oliveira me sugeria que este documento se devia reportar a terras da Galiza.

Não precisamos de analisar as dificuldades que estes intentos de localização têm contra si, porque o documento se refere, sem dúvida, à freguesia de Santa Eulália pelos seus limites actuais ¹³.

A igreja de Santa Eulália — diz o documento — ficava em um lugar chamado Águas Santas: «ubi dicent aquas sanctas». Precisamente, ainda hoje, o lugar da actual paroquial, que tem na cabeceira elementos românicos dos fins do século XII, se chama Águas Santas. O diploma não cita o nome de «Covo» para o rio, nem admira. Esse riacho, que a atravessa, e que o documento cita, localmente não tem nome, ou melhor, vai recebendo a designação das terras por onde passa. A designação dada pela gente local à freguesia é somente «Santa Vaia» ¹⁵.

Segundo deixa o diploma entender, a zona onde se situava a «villa» chamava-se, Silva Escura. Abrangeria algumas freguesias actuais, Silveiros e Carvalhas, paróquias confinantes, do lado sul, têm nomes ligados ao bosque que o topónimo «silva

¹¹ Alberto Sampaio, *Estudos*, pág. 167.

¹² Carlos Alb. Ferreira de Almeida, o Documento n.º 13 *Dos Diplomata Et Chartae*, Porto, 1966.

¹³ Se o diploma fosse da Maia, teríamos ainda uma organização paroquial de tipo visigótico, muito arcaica.

¹⁴ Só na centúria seguinte se documentam paróquias tão bem definidas.

¹⁵ «Santa Vaia» e também «Santa Olaia» são formas populares de «Santa Eulália».

scura» indica¹⁶. Se este nome tópico, que significa «floresta densa», desapareceu, as condições geográficas do local adaptam-se perfeitamente a ele. É ainda hoje uma zona coberta de árvores. De resto, o documento que estudamos cita no termo da «villa» cinco soutos.

A mesma paisagem florestal existia na freguesia de Silveiros, conforme nos indica uma escritura de 965¹⁷. Esta zona propícia à floresta estava dividida em vilas, uma delas, a de Santa Eulália, em Águas Santas.

Aqui existe uma nascente de águas, de cujas propriedades, ainda hoje, o povo fala com admiração e que relaciona com as Caldas de Eirogo, além Cávado. Há a crença na existência de umas antigas termas, que acabariam nos tempos dos mouros.

Que aqui tenham existido umas termas romanas ou, pelo menos, um santuário ligado ao culto das águas, tão frequente no noroeste peninsular¹⁸, não pode haver dúvida. Contou-nos um lavrador que, há já bastantes anos, encontrou em uma propriedade ao lado da igreja, um lajeado que levantou para fazer a sua eira, e que quando se plantam aí videiras se encontram sempre pedras de alicerces, encanações e tubos de barro. Não há dúvida que no actual sítio da igreja houve um edifício romano, ligado às águas que eram «santas». A abundante presença de tegulas, tijolos e cerâmicas antigas garante bem a sua romanidade. Em uma busca ligeira que fiz pelos terrenos adjacentes, encontrei três fragmentos de «terra sigillata clara D» que nos certificam da ocupação romana, local, pelo menos no século IV depois de Cristo.

¹⁶ O topónimo «Silva Escura» de ascendência latina significa «floresta densa». Mas a palavra «silva» teve o significado comum de «bosque» até ao século XV; Cfr., P.^o Domingos A. Moreira, *Os Nomes Tópicos em «Ai» no Noroeste Hispânico*, Porto, 1961, pág. 63.

¹⁷ *Dipl. et Chartae*, n.^o XCI.

¹⁸ Cfr., José Maria Blazquez Martinez, *Religiones Primitivas de Hispânia*, Roma, 1962, págs. 167-203.

É curioso verificarmos que em Santa Eulália de Bóveda, Lugo, foi a invocação de Santa Eulália que veio cristianizar um santuário aquático pagão ¹⁹, o que aconteceria também aqui ²⁰. Assim o topónimo «Águas Santas» pode vir dos tempos romanos.

Mas há razões mais convincentes para localizarmos nesta freguesia de Santa Eulália as terras a que se refere esse pacto de 906 são as que a seguir expomos. Por este acordo, os bens de Nausto ficavam no lado nascente da «villa» e os de Sisnando mais no lado ocidental. A este e aos seus homens ficavam a pertencer «uarzena telleli», hoje lugar da Várzea, no lado norte da paróquia, limitando com Midões. Cita depois o documento uma propriedade de sequeiro «siccariolo» que devia ficar no lugar da Costa, hodierno. Hoje aí temos, em perfeita correspondência pedológica, os Cabeceiros e as Arroteias, ditas Barreiros. Os «agros» de diversos possuidores, que seguidamente o diploma refere, deviam estar no actual lugar de Agro. Seguindo depois pelos limites com Remelhe, citam-se os lugares: «porto» que hoje se chama Portela, «bustelo» que deve ser no sítio da Poça da Azimília, local propício a pastagens, «villare spasandi» que corresponde ao lugar de Vilar, nos limites com a freguesia de Carvalhas, «agro de contensa» actualmente, só Contensa e já a confrontar com a paróquia de Silveiros. Os bens de Sisnando findavam por aí, no extremo sul de Santa Eulália e, como diz o documento, descendo pelo rio, vinham ao «agro manzi» hoje

¹⁹ Manuel Chamoso Lamas, *Sobre El Orígen Del Monumento Soterrado de Santa Eulália de Bóveda* (Lugo) in «Cuadernos De Estudios Gallegos», fasc. XXII, 1952.

²⁰ Esta possível cristianização da «santidade» destas águas pode datar já dos tempos dos Suevos. É a partir desta época que se difunde o culto de Santa Eulália. Cfr., Carmen García Rodríguez, *El Culto De Los Santos En La España Romana y Visigoda*, Madrid, 1966, págs. 284-288.

lugar de Mance e daí pela «carraria»²¹, ao adro da Igreja. A divisão devia seguir pela zona baixa da freguesia, pelo lugar da Agra, onde o diploma cita diversos linhares e daí aos Moinhos que foram também objecto do acordo.

Nausto, bispo de Coimbra, e os seus homens ficaram com bens situados na parte oriental da freguesia. Começavam também no lugar da Várzea «varzena telleli» e vinham ao «agrum kuruianes», hoje Crujães, nos limites com as paróquias de Várzea e Moure. Seguidamente, o documento refere-se à zona próxima do rio, onde se situa o «porto» que deve corresponder ao moderno lugar de Pontelhas. Fala-se depois nas «decorias»²² e «petras nativas», já referido na divisão dos bens de Sisnando. Os bens de Nausto, limitavam-se pela «Karraria» a que já aludimos, e iam confinar com a freguesia de Fonte Coberta, «in termino fonte cooperta», no limite sudoeste, e daí iam a Mance «sepe manci» e a Contensa «agro de contensa», já citados na parte anterior²³.

Assim, averiguado que os actuais limites da freguesia de Santa Eulália de Rio Covo correspondem aos da «villa» de 906, o documento enriquece-se historiograficamente e torna-se em um dos melhores testemunhos, embora parcial, contra a teoria do ermamento. Mostra bem o povoamento, intenso e já antigo, que uma freguesia tinha no reinado de Afonso III de Astúrias,

²¹ A palavra «Karraria», significava «caminho largo, apto para passagem de carros» em certas partes calcetado. Sempre que apareça em documentos anteriores ao século XIII, deve designar uma via romana. É aqui o caso.

²² «Decorias» é uma palavra que significa uns marcos divisórios de propriedades, de tradição visigótica. Cfr., Álvaro D'Ors, *El Código De Eurico*, Madrid, 1960, pág. 196. Esta palavra deve estar ligada à divisão romana das terras, à centurição. Cfr., A. Piganiol, *Les Documents Cadastraux De La Colonie Romaine De Orange*, Paris, 1962, pág. 42.

²³ Há no documento muitos outros nomes que não conseguimos identificar.

a quem se atribue o repovoamento desta região. O diploma cita vinte e cinco moradores na área da «villa» os quais agricultavam duas várzeas, seis linhares, vinte e seis campos, duas arroteias, quatro pomares e uma vinha.

Segundo se depreende do documento, mais de uma dezena de propriedades eram vedadas²⁴. E não podemos dizer que o diploma, apesar da sua minúcia, cite todas as propriedades e ocupantes da «villa». Nem tudo aí era pertença de Nausto e Sisnando. Alguns possuidores e seus bens são referidos, não para divisão, mas para especificar os limites das propriedades repartidas. Esta terra, que em 906 nos aparece tão retalhada e vedada, tão possuída e tão agricultada, não foi de certeza ermada.

No diploma alude-se ainda a quatro casais e a quatro casas e a moinhos, o que nos esclarece acerca da forma do povoamento. Era, sem dúvida, muito disperso: «agrum qui est subtus casa qundisaluis»; «agro ubi habitant filli sindi»; «kasale ubi gundebredo habitat»; «agrello ubi atanagildus habitat»; «agro ubi ansemundus habitat»; «linare sub kasa sindi»; «agro super sindi», etc. Este modo ecológico de habitar, com as casas dispersas no meio dos campos e tão característico de Entre-Douro-e-Minho, é sem dúvida um legado da baixa romanidade²⁵.

Sánchez-Albornoz, o adepto inflamado da teoria do erma-mento, procura invalidar o testemunho deste diploma dizendo que esses vinte e cinco agricultores tinham, à conta dos bispos Nausto e Sisnando, tomado, por presúria, a vila de Santa Eulália²⁶. A análise do documento não permite esta interpretação.

²⁴ Assim: «sepe de agro telleli; uarzena telleli usque in sua sepe in omnique circuitu»; «usque in sepe de agro astrulfi», etc.

²⁵ Para a região da Maia, cfr., Carlos Alberto F. de Almeida, *A Romanização das Terras da Maia*, 1969, págs. 35 e 47.

²⁶ Sánchez-Albornoz, *Despoblacion*, pág. 245.

Nem todas as propriedades eram de Nausto e Sisnando e nem todos os agricultores citados no documento eram seus rendatários. Os bens de Mance, de Arvetanus, de Atanagildus, de Tractamirus e de Argirizus, não pertenciam a nenhum dos bispos e foram citados para limitar as propriedades que se dividiram. É muito melhor, com Alberto Sampaio ²⁷, vermos nos ocupantes dos bens dos aludidos bispos «et suos homines», «homines domni nausti» feitores e rendatários presos à terra.

²⁷ Alberto Sampaio, *Estudos Históricos*, cit., pág. 85.

NOTA

Os nossos antepassados, não sei dizer de que século, mas naturalmente os que já existiram milhares de anos antes de Cristo, eram, sem dúvida, bastante inteligentes, de que deram provas em vários sectores, que não vou aqui especificar; mas falo nisso apenas, para recordar que eles foram duma visão incomensurável, ao formular os inúmeros e bem fundamentados adágios ou provérbios que inventaram.

Aqui pretendo mencionar aquele que diz: «O comer e o coçar vão do começar». Este é, como todos, dum realismo impressionante, de que todos, mais ou menos, terão sido testemunhas irrefutáveis.

Isto vem a propósito de eu nunca me interessar pelo estudo das bibliografias, da procedência e formação das terras, da arqueologia, etc.

Porém, fazendo parte do Centro de Estudos Regionais (CER) ou Viana do Castelo, fui por ele convidada a escrever a Monografia de S. Julião do Freixo, minha terra, o que fiz com denodado esforço e satisfação.

Depois disso cresceu em mim o gosto por este estudo. De facto, o estudo das raízes primitivas das terras que formam o nosso torrão natal, este belo cantinho à beira-mar situado, é dos mais interessantes, porque não só nos leva à descoberta de muitas e variadas coisas que desconhecemos, como nos dá

o ensejo de penetrarmos em todos os domínios da história, que o tempo e o desenvolvimento do homem vão fazendo progredir intensamente, até as levar a atingir o encanto que hoje quase todas possuem. E as lendas e passagens autênticas que esse estudo nos revela é, evidentemente, dum infinito e encorajador interesse.

Foi, então, depois de escrever essa Monografia, onde inclui um «Estudo sucinto de Anais» e muito antes a «Apologia a S. Julião do Freixo e Suas Damas de Honor» (que são as freguesias circunvizinhas) eu resolvi escrever a de Santa Eulália de Rio Covo, por lá viver minha filha Maria de Lurdes Carvalho Araújo da Costa Dias, casada com o médico Dr. Aparício da Costa Dias. Por isso lá vou de visita de vez em quando, e porque sei que é das aldeias que melhores e mais interessantes factos de antanho tem a descrever.

Como das outras vezes, percorri as Bibliotecas de Barcelos e Braga, à procura dos necessários elementos, e muito me ajudaram os que mos forneceram: dois grandes investigadores desses velhos documentos, alguns já bem gastos pelos séculos. Foram eles o ilustre catedrático da Universidade de Coimbra, Cónego Dr. Avelino de Jesus da Costa e Ilídio Eurico Gomes Ramos, de Barcelos, que também tem passado parte da sua vida na investigação desses documentos e, muito tem publicado em jornais regionalistas, não o tendo feito em livros por as suas condições monetárias (segundo afirma) não lho terem permitido.

E isto, agora, fica pelo preço do oiro.

A AUTORA

ÍNDICE

	<i>pág.</i>
Prefácio «Rio Covo — Encanto e Recanto de Poesia»	3
Santa Eulália de Rio Covo e sua situação geográfica	5
Santa Eulália de Rio Covo, segundo Pinho Leal no seu livro — Portugal Antigo e Moderno	6
Como acabaram os Banhos de Águas Santas	7
Origem do seu topónimo.	8
Nascente e curso do Rio Covo	8
Confrontações	9
A Igreja de Santa Eulália de Rio Covo	9
Matriz de Águas Santas	11
A Sacristia	11
Festa de Nossa Senhora das Águas Santas	12
Residência Paroquial	12
Apresentação do Pároco	13
Tombo da Comenda	13
Casa da Renda	14
Cruzeiros da Freguesia	14
Cemitério Paroquial	14
Confrarias	15
Ainda Santa Eulália de Rio Covo — Sua antiga posição social	16
Censo da População	17
Casas Importantes de Santa Eulália de Rio Covo	17
Capelas de Santa Eulália de Rio Covo	18
Capela da Boavista	19
Capela de Santa Ana	20
Capela da Sagrada Família	20

	<i>pág.</i>
Santa Eulália de Rio Covo, actualmente	20
Ensino Primário	21
Centro Social	21
Outros melhoramentos	22
Indústrias e Comércio	22
Correio	23
Toponímia da Aldeia	23
Vias de comunicação	23
Achados Recentes, Castelo de Rio Covo	23
Famílias Antigas de Santa Eulália de Rio Covo. Casa e Quinta da Boavista	24
Gravura — Entrada da Boavista	25
O Livro dos Brasões — Pedras e Armas Tumulares do Distrito de Braga — Concelho de Barcelos, Além-Cávado - 6.º	26
Gravura — Brasão da Casa da Boavista	27
Remontemos aos primeiros Proprietários do Solar da Boavista	28
Informação do Proprietário Joaquim Dias	31
Casa e Quinta de Paços	32
Gravura — Casa de Paços	33
Paços de Baixo	34
Paços de Cima	35
Gravura — Brasão da Casa de Paços	36
Notas Genealógicas dos Silvas de Rio Covo — Paços de Baixo	41
Famílias Antigas de Santa Eulália de Rio Covo	43
Casa da Levandeira	43
Casa de Vilar	44
Casa de Pagãos	45
Casa de Devesa	46
Casa da Cruz	46
Outras Casas de Importância Pelos Seus Bens	47
Figuras Notáveis de Santa Eulália de Rio Covo	48
Santa Eulália de Rio Covo nos Tempos Primitivos — O Docu- mento XIII dos «Diplomata Et Chartae» — Por Carlos Alberto Ferreira de Almeida	51
O Documento XIII dos «Diplomata»	52
Nota	59

© Laurinda Fernandes de Carvalho Araújo

1.^a edição — Julho 1984

Edição feita em colaboração com o Centro de
Estudos Regionais de Viana do Castelo (CER)

Comp. e imp.: «Editora Correio do Minho»
para «Livraria Editora Pax, Lda.» — BRAGA

Emocionei-me com a leitura da sua obra-zinha repassada de terna devoção. Por isso a felicito, esperando que novos trabalhos literários a vão valorizando cada vez mais, pois são magníficos os seus dotes de escritora.

Dr. Olindo Casal Pelayo
Escritor e Poeta

Li alguns livros da ilustre professora de S. Julião do Freixo e gostei. Fiquei com a impressão de que se trata duma alma extremamente sensível, que se esforça por dar forma poética aos seus sentimentos, num anseio de beleza. Se fosse crítico de poesia, atrever-me-ia a dizer que fora das suas actividades profissionais, possui uma alma contemplativa, onde afloram os sentimentos num lirismo melancólico.

Dr. Fernando Falcão Machado
Escritor e Jornalista

Não sei que mais apreciar, se a vocação poética, se a grandeza de alma feminina, se as qualidades de trabalho, bem patentes em toda a sua obra.
Parabéns!

Monsenhor Dr. Carlos Martins Pinheiro

O livro, *Conversa Íntima com as Jovens*, comprova os seus méritos de escritora e é louvável pela orientação que procura dar às jovens num tempo em que tantos meios se empregam para as desnortear.

Cónego Dr. Avelino de Jesus da Costa
Cat. da Universidade de Coimbra

Laurinda F. C. A., imprime aos seus poemas uma marca inconfundível e pessoal, uma expressão da sua maneira de ser e sentir. Eis porque a sua poesia se enriquece com a exaltação dos sentimentos que não se perdem na vida nem no mundo.

Sousa Machado
Director de «O Comércio de Guimarães»

No Crepúsculo ... Ainda Há Luz, e que vem enriquecer a já valiosa e diversificada bibliografia da Autora, reafirmam-se os sentimentos de amor, de paz, de justiça e solidariedade, de quem bem pode ser apontado como Paradigma de Mulher, Esposa e Mãe, e de Educadora, que tem contribuído com a sua persistente actividade para a orientação daqueles que, algum dia, tiveram a felicidade de a ter por mestra, conselheira e amiga.

Filipe Fernandes
Director do jornal «A Aurora do Lima»
Viana do Castelo

Edição feita em colaboração com o Centro de
Estudos Regionais de Viana do Castelo (CER)

biblioteca
municipal
barcelos



13090

Monografia de Santa Eulália de
Rio Covo, Barcelos